



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Volume IV, número 2, jan-dez, 2023, pág. 360-392

**Interseccionalidade, capacitismo decolonial:** perspectiva fenomenológica.

**Intersectionality, decoloniality ableism:** phenomenological perspective.

**Intersectionnalité, capacitisme décolonial :** perspective phénoménologique.

**Janderson Costa Meira**

**Ewerton Helder Bentes de Castro**

**Fernanda Manuela Pereira Amaral**

### Resumo

O presente artigo traz considerações relacionadas a Interseccionalidade, capacitismo decolonial, na perspectiva fenomenológica, com narrativas epistemológica e teórica, fazendo uma imbricação sob o viés da compreensão desses teóricos que estão ativamente envolvidos com movimentos sociais e políticos. O diálogo que é feito nesta reflexão teórica, buscou redimensionar o olhar ontológico lançado através de histórias que trazem sofrimento, tais como: racismo, capacitismo, homofobia, desigualdade social, dentre outros. A fenomenologia vem para abarcar essa percepção sob as vivências mencionadas nos manuscritos publicados por pesquisadores e pensadores que se debruçam com essas temáticas. É traçado um parâmetro acerca da possível imbricação entre as temáticas que constituem este estudo teórico. Conclui-se que ao realizarmos esta proposta há um atravessamento possível a partir de reflexões sobre nosso modo de agir enquanto sociedade e nesse ínterim, redimensionar nosso olhar sobre a visão que se tem das relações estabelecidas sob o viés do racismo e do capacitismo, haja vista que, ainda experienciamos um mundo vivido na perspectiva do preconceito, da discriminação, resultando em adoecimento existencial, ou seja, ainda vivenciamos o que foi nominado como modo colonial.

**Palavras-chaves:** Interseccionalidade, capacitismo, decolonialidade, fenomenologia

### Abstract

This article brings considerations related to Intersectionality, decolonial capacitism, in the phenomenological perspective, with epistemological and theoretical narratives, making an imbrication under the bias of understanding of these theorists who are actively involved with social and political movements. The



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

dialogue that is made in this theoretical reflection, sought to resize the ontological look launched through stories that bring suffering, such as: racism, ableism, homophobia, social inequality, among others. Phenomenology comes to encompass this perception under the experiences mentioned in the manuscripts published by researchers and thinkers who deal with these themes. A parameter is traced about the possible imbrication between the themes that constitute this theoretical study. It is concluded that when we carry out this proposal there is a possible crossing from reflections on our way of acting as a society and in the meantime, re-dimensioning our view on the view that one has of the relationships established under the bias of racism and ableism, given that, we still experience a world lived in the perspective of prejudice, discrimination, resulting in existential illness, that is, we still experience what was named as the colonial mode.

**Keywords:** Intersectionality, ableism, decoloniality, phenomenology

### Résumé

Cet article apporte des considérations liées à l'Intersectionnalité, capacitisme décolonial, dans la perspective phénoménologique, avec des récits épistémologiques et théoriques, faisant une imbrication sous le biais de la compréhension de ces théoriciens qui sont activement impliqués dans les mouvements sociaux et politiques. Le dialogue qui se fait dans cette réflexion théorique, a cherché à redimensionner le regard ontologique lancé à travers des histoires qui font souffrir, telles que : le racisme, le capacitisme, l'homophobie, l'inégalité sociale, entre autres. La phénoménologie en vient à englober cette perception sous les expériences évoquées dans les manuscrits publiés par les chercheurs et penseurs qui traitent de ces thèmes. Un paramètre est tracé quant à l'imbrication possible entre les thèmes qui constituent cette étude théorique. Il est conclu que lorsque nous menons à bien cette proposition il y a un possible croisement de réflexions sur notre façon d'agir en tant que société et en attendant, redimensionnement de notre regard sur le regard que l'on a des relations établies sous le biais du racisme et capacitisme, étant donné que nous expérimentons toujours un monde vécu dans la perspective des préjugés, de la discrimination, entraînant une maladie existentielle, c'est-à-dire que nous expérimentons toujours ce qu'on a appelé le mode colonial.

**Mots-clés:** Intersectionnalité, capacitisme, décolonialité, phénoménologie



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

O presente artigo buscou dialogar com pensadores e suas obras. Este movimento é reconhecido como revisão crítica, tendo em vista estabelecer esse diálogo a partir de seus pressupostos teóricos e sua imbricação com as narrativas aí vigentes. A interseccionalidade, tem como objetivo dar caminhos teórico-metodológicos à inseparabilidade estruturante do racismo, neoliberalismo e cisheteropatriarcado. Com isso, tem como estudos centrais pautados no reconhecimento ao enfrentamento de opressões e discriminações das mais diversas naturezas e proporções e, ao mesmo tempo, embasa sua perspectiva em múltiplos aspectos identitários.

Entretanto, contínuas têm sido as lutas contra um sistema colonial ainda vigente, que busca manter-se no lugar de autoritarismo no sentido de invisibilizar as populações que não são vistas como totalidade, no que se refere à equidade. O capacitismo, por exemplo, tem suas raízes interligadas ao colonialismo europeu, tendo em vista que, pressupõe a reprodução da discriminação com populações pretas/negras, deficientes, LGBTQIAPN+, dentre outros (Salomon, 2013; Etmanski, 2022).

Conseqüentemente, de modo antagônico, a racialização - processo de atribuir identidades raciais ou étnicas a um relacionamento, prática social ou grupo que não se identificou - foi inicialmente o modo como as estruturas sociais se posicionaram e, com isso, utilizaram de mentiras e duplicidade a partir do humanismo colonial. A decolonialidade não é apenas uma rejeição do colonialismo externo, mas também uma luta contra as formas internas de opressão que ele deixou para trás.

O termo decolonial é empregado para diferenciar sua perspectiva epistêmica das demais críticas pós-coloniais, que tem como base fundamental as experiências africanas e asiáticas (Mignolo, 2011; Faustino, 2015).

A Fenomenologia-Existencial agrega parâmetros teóricos da Fenomenologia e do Existencialismo, possibilitando que a Psicologia, ao utilizar



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

esses arcabouços teóricos, busque a compreensão do humano e sua humanidade, não a mera interpretação como temos observado no decorrer da construção do conhecimento. Sua contribuição para o entendimento da interseccionalidade, capacitismo e outros temas correlatos é altamente relevante pois propicia um olhar sobre o ser humano de modo mais abrangente, para além de quaisquer questões que o invisibilizem ou o marginalizem. Castro (2017;2023), Meira & Castro (2023) intencionam que o conhecimento construído na área psicológica a partir dos constructos teóricos fenomenológicos e existencialistas propiciam essa visada sobre a vida, o mundo, sobre si mesmo e o outro de modo mais pleno e pluridimensional.

### **Interseccionalidade uma luta constante**

“From this racial, ideological, cultural and biological crosspollenization, an “alien” consciousness is presently in the making- a new mestiza consciousness, una conciencia demujer. It is a consciousness of the Borderlands.”  
(Anzaldúa,1987)

Neste momento, o estudo vai trazer as contribuições de alguns autores e autoras para a compreensão da interseccionalidade.

A primeira aparição da palavra “Interseccionalidade” surge da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989), direcionando a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe. O artigo original dessa autora "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics" (2011) introduziu o conceito de interseccionalidade e demonstrou como as experiências das mulheres negras são invisibilizadas quando os sistemas de opressão são tratados de forma isolada.



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

A autora no artigo "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color" (1991) explora de modo mais aprofundado a interseccionalidade como uma abordagem analítica para entender a violência contra mulheres de cor e como as políticas identitárias podem ser mais inclusivas e abrangentes.

"Critical Race Theory: The Key Writings That Formed the Movement" de 1995 que, embora não foque de forma exclusiva na interseccionalidade, é um livro editado por Kimberlé Crenshaw, juntamente com outros autores e apresenta uma coletânea de textos que são fundamentais para a compreensão da Teoria Crítica da Raça e suas interseções com outras teorias críticas.

Mas somente em 2000, ocorreu o grande sucesso, ou seja, surge o movimento feminista conhecido como Black Feminism, que tinham como críticas o feminismo branco, heteronormativo de classe média. Foram desenvolvidos por pesquisadores a partir da herança Black feminism, composto por quadro interdisciplinar por Crenshaw.

"Black Girls Matter: Pushed Out, Overpoliced, and Underprotected" publicado em 2015 é um relatório em co-autoria de Kimberlé Crenshaw em parceria com a African American Policy Forum (AAPF) e o Center for Intersectionality and Social Policy Studies (CISPS). Neste relatório, há o destaque para as experiências específicas de meninas negras e a interseção de raça e gênero no sistema educacional e no sistema de justiça juvenil.

"Intersectionality: Key Concepts" publicação de 2020 é escrito por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge e explora o conceito de interseccionalidade, incluindo as contribuições originais de Kimberlé Crenshaw e como a teoria foi desenvolvida ao longo do tempo.

Patricia Hill Collins, por sua vez, editou a obra "Black Feminist Thought" (Pensamento Feminista Negro), uma referência importante para entender como



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

a interseccionalidade se aplica aos estudos feministas negros. Compreende-se, dessa forma, a dimensão que estudos sobre interseccionalidade e questões referentes ao processo de vida contemporâneo.

Dessa forma, a interseccionalidade vem sendo inserida pluralmente nos estudos das ciências sociais e humanas, relacionado a complexidade de convergências entre o sistema de opressão, que faz com que ocorra mais credibilidade epistêmica, com isso é possível fazer identificações para criações de estratégias de resistência decolonial. Collins diz que:

Interseccionalidade se refere a formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de sexualidade e nação. O paradigma de intersecção nos lembra que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que as opressões trabalham juntas na produção de injustiças (Collins, 1990).

Através deste livro, a autora supracitada, Patricia Hill Collins, expande a análise da interseccionalidade, explorando como as experiências das mulheres negras são moldadas por uma multiplicidade de fatores interligados, como raça, gênero, classe social e outros sistemas de opressão. Demonstra que a experiência das mulheres negras não pode ser entendida de forma isolada, mas ser analisada considerando a interconexão e a interseção dessas diferentes dimensões identitárias. Alguns pontos e contribuições nessa obra são:

1. Matrix of Domination: apresenta o conceito de "matriz de dominação" como uma estrutura teórica para entender as complexas relações de poder que afetam as mulheres negras. Essa matriz abrange as interseções entre raça, gênero, classe e outros sistemas opressivos e destaca como esses fatores combinados afetam as experiências individuais e coletivas.
2. Conhecimento das Mulheres Negras: nos traz a importância de valorizar e legitimar os conhecimentos produzidos pelas mulheres negras,



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

que frequentemente foram marginalizados e subestimados pela academia dominante. Argumenta, ainda, que a epistemologia feminista negra oferece perspectivas únicas e valiosas para compreender o mundo.

3. Empoderamento e Resistência: Ao analisar o pensamento feminista negro, destaca a agência e a resistência das mulheres negras diante das formas de opressão que enfrentam. Para isso, explora as estratégias de empoderamento utilizadas pelas mulheres negras para enfrentar os desafios estruturais e culturais que enfrentam.

5. Identidade e Consciência: neste tópico, explora como mulheres negras constroem suas identidades em resposta à opressão e como suas consciências são moldadas pelas experiências interseccionais.

Compreender a interseccionalidade através das lentes do pensamento feminista negro, leva com que Patricia Hill Collins enriqueça nosso conhecimento sobre as intersecções de raça e gênero, bem como outras formas de opressão e resistência que moldam as vidas das mulheres negras.

Audre Lorde, escritora, poeta e ativista feminista negra escreveu extensivamente sobre questões de raça, gênero e sexualidade. Seu trabalho "Sister Outsider" é especialmente relevante. Fez importantes contribuições para a compreensão da interseccionalidade e como ela se manifesta nas experiências das mulheres negras e LGBTQ+. Suas obras e discursos são poderosas e fundamentais para entender as complexidades das intersecções de raça, gênero e sexualidade. Algumas das principais contribuições de Audre Lorde para a interseccionalidade são as seguintes:

1. "The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House": Ensaio onde critica o feminismo mainstream por não considerar as experiências das mulheres negras e das mulheres de outras minorias. Seu argumento vem no sentido de que o feminismo branco frequentemente falha em abordar a interseccionalidade e, em vez disso, perpetua a opressão ao usar as mesmas estruturas e abordagens opressivas do patriarcado.



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

2. "Age, Race, Class, and Sex: Women Redefining Difference": discurso proferido por Lorde em 1980, no qual explora a interseccionalidade de raça, classe, idade e gênero. Neste, enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as diferenças entre as mulheres, pois essas diferenças são cruciais para entender as experiências únicas de cada indivíduo e grupo.

3. "Sister Outsider": coleção de ensaios e discursos publicada em 1984. Nesta obra, a autora aborda a interseccionalidade ao explorar questões de raça, gênero, classe, sexualidade e identidade cultural. Fala sobre como suas várias identidades moldaram sua vida e lutas e como é importante reconhecer as interconexões dessas dimensões.

4. "Zami: A New Spelling of My Name": autobiografia de Audre Lorde, publicada em 1982, em que ela narra sua vida como uma mulher negra, lésbica e feminista. Através desta obra, oferece uma perspectiva íntima sobre as experiências interseccionais de sua própria vida, incluindo questões de raça, sexualidade e identidade.

5. "The Uses of Anger: Women Responding to Racism": outro discurso poderoso de Lorde, apresentado em 1981. Neste discurso, discute as complexidades da raiva e como ela pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação social. Ela explora como a raiva é frequentemente desvalorizada quando expressada por mulheres negras, mas como pode ser uma resposta legítima e necessária à opressão interseccional.

Suas contribuições para a interseccionalidade são consideradas fundamentais para ampliar o entendimento das experiências das mulheres negras, LGBTQ+ e outras minorias marginalizadas. Nos ensina, de forma clara, a importância de abordar as opressões de forma interseccional e a valorizar as vozes e perspectivas das pessoas que estão em interseção de múltiplas identidades.

Outra autora é Bell Hooks (escrito com "bell hooks" em minúsculas por sua escolha pessoal) é uma renomada autora, teórica feminista negra e ativista





**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

que fez várias contribuições importantes para os estudos sobre interseccionalidade e questões de gênero, raça e classe. Suas obras têm sido fundamentais para a compreensão das complexas intersecções de opressões e para a promoção do feminismo interseccional. Algumas de suas contribuições para a interseccionalidade incluem:

1. "Ain't I a Woman? Black Women and Feminism" (1981): Neste livro, explora a interseccionalidade da experiência das mulheres negras e como elas frequentemente enfrentam formas específicas de opressão que são distintas das vivenciadas pelas mulheres brancas. Critica a ideia de um feminismo universal que não considera as diferentes experiências das mulheres em relação à raça, classe e outras identidades.
2. "Feminist Theory: From Margin to Center" (1984): Neste livro, aborda a questão da interseccionalidade e destaca a importância de centralizar as vozes e perspectivas das mulheres marginalizadas, incluindo mulheres negras, indígenas, LGBTQ+ e de outras minorias. Sua crítica é no sentido de que o feminismo dominante não inclui essas vozes e argumenta a favor de um feminismo que seja verdadeiramente inclusivo e interseccional.
3. "Black Looks: Race and Representation" (1992): Neste livro, explora como as questões de raça e gênero se intersectam nas representações culturais e midiáticas das mulheres negras. Analisa ainda como os estereótipos raciais e de gênero são perpetuados na cultura e como as mulheres negras frequentemente são invisibilizadas ou retratadas de forma estereotipada.
3. "Outlaw Culture: Resisting Representations" (1994): Neste livro, continua a explorar as intersecções de raça, gênero e classe na cultura popular e na mídia. Argumenta que a cultura dominante muitas vezes reprime e silencia as vozes das pessoas marginalizadas e defende uma resistência ativa contra essas representações opressivas.



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

4. "Feminism Is for Everybody: Passionate Politics" (2000): Livro no qual apresenta uma visão abrangente do feminismo interseccional e defende que o feminismo é relevante e necessário para todas as pessoas. Ainda destaca como o feminismo pode ser uma ferramenta poderosa para lutar contra a opressão interseccional e promover a justiça social.

Suas obras, desse modo, também são fundamentais para a compreensão da interseccionalidade e para a promoção de um feminismo que seja inclusivo, abrangente e transformador. Percebe-se que desafia as noções dominantes de feminismo e destaca a importância de reconhecer e valorizar as experiências das mulheres e pessoas marginalizadas em todas as suas complexas interconexões de identidades.

Gloria Anzaldúa é conhecida por seu trabalho "Borderlands/La Frontera: The New Mestiza", que aborda questões de raça, sexualidade, gênero e identidade cultural a partir de uma perspectiva interseccional. Escritora, teórica e ativista feminista chicana fez importantes contribuições para a compreensão da interseccionalidade e para a análise das experiências de mulheres latinas e de outras minorias. Suas obras abordam as interseções de gênero, raça, sexualidade e identidade cultural, oferecendo perspectivas únicas sobre as complexidades das identidades e opressões. Algumas das principais contribuições de Gloria Anzaldúa para a interseccionalidade incluem:

1. "Borderlands/La Frontera: The New Mestiza" (1987): é o livro mais conhecido de Gloria Anzaldúa e um clássico dos estudos culturais e feministas. Nesta obra, ela explora as experiências das mulheres latinas que vivem na fronteira entre Estados Unidos e México, bem como as experiências de pessoas que vivem em "zonas de fronteira" cultural e identitária. Anzaldúa aborda as interseções de raça, gênero, sexualidade e cultura e cunha o conceito de "mestiza" para descrever a complexidade das identidades híbridas que resultam da mistura de culturas.



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

2. "This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color" (1981, coeditado com Cherríe Moraga): Nesta antologia pioneira, Anzaldúa e Moraga reuniram escritos de mulheres de cor que abordam as interseções de raça, gênero, classe e sexualidade. O livro apresenta perspectivas interseccionais sobre as experiências e lutas das mulheres de cor em relação ao feminismo, a opressões sistêmicas e às suas identidades complexas.

3. "Making Face, Making Soul/Haciendo Caras: Creative and Critical Perspectives by Feminists of Color" (1990, coeditado com Ana Louise Keating): Outra Antologia em que Anzaldúa e Keating reuniram escritos de feministas de cor que exploram questões de identidade, opressão e resistência em várias dimensões, incluindo raça, gênero e sexualidade.

4. "Entrevista: A Dialogue" (1991, com Ana Louise Keating): Neste livro, Anzaldúa e Keating compartilham diálogos em que discutem suas perspectivas teóricas e pessoais sobre identidade, espiritualidade e opressões interseccionais. A obra é uma conversa profunda sobre as complexidades das experiências das mulheres de cor e as lutas por justiça social.

Percebe-se que as contribuições de Gloria Anzaldúa para a compreensão da interseccionalidade ampliam nosso entendimento das identidades híbridas e das interseções de opressões que moldam as experiências das mulheres latinas e de outras minorias. Seu trabalho desafia as fronteiras culturais e identitárias e oferece uma visão profunda sobre as experiências complexas e interconectadas das pessoas que vivem nas margens das normas sociais dominantes.

A partir de ações que foram manifestadas para reverter o pensamento colonial e assim, podendo reivindicar os lugares de poder e, com isso, essas pessoas podem ser autores das suas próprias histórias. A interseccionalidade foi criada para separar a injustiça racial que foi acometida por mulheres pretas/negras, no qual, além de uma sociedade sexista, é também racista. Em



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

uma sociedade de racista, é a autoridade da estética branca que define o que é belo (Souza, 1983), além disso, é preciso verbalizar e concomitantemente construir uma consciência racial e de classe, para que não venha ocorrer discriminações e não aceitação.

A interseccionalidade aparece, de uma necessidade de pesquisas que adentre em investigações de gênero e raça, entre outras categorias que são criadas conforme a Kimberlé Crenshaw mediante a denominação - rede de desempoderamento. Para Carastathis (2016), para quem a interseccionalidade deve ser entendida como representando uma síntese entre os movimentos sociais e o conhecimento acadêmico crítico.

Ao longo dos anos, pode-se dizer, que não foi fácil manter-se vivas e ativas contra a desigualdade na sociedade, já que, viver em um mundo onde nascer diferente é ser discriminada, sofrer, morrer e ser desrespeitada, ou seja, não ter direito à equidade, assim, concordo com Arendt quando fala que a essência do direito humano é ter direito.

A constituição federal de 1988, resguarda o direito de todos sem distinção alguma, mas, não é bem assim que tem funcionado na prática, a dicotomia do que é visto na contemporaneidade tem chamado atenção de vários pesquisadores sobre essas populações que passam por discriminação. O Brasil é o país que mais mata mulheres cis e trans no mundo, além do racismo e homofobia que é presente no cotidiano desses nichos sociais. A taxa de homicídio de mulheres no Brasil teve um aumento 31,46% no período de 1980 a 2019, um número alarmante (Fiocruz, 2023).

Com isso, a humanidade vem sofrendo constantemente com o preconceito, por serem diferentes do padrão que a sociedade impõe e, também não corresponder a padrões estabelecidos por pessoas que não vêm para além dos constructos invalidatórios. A luta pelo decolonialismo na contemporaneidade, é vista ainda como algo banal para pessoas que acham que não existem mais



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

discriminação, é preciso enfrentar um sistema colonial que taxas pessoas que “fogem” do padrão como marginais, inferiores e doentes.

### Capacitismo decolonial a exclusão

Para compreendermos a dimensão do capacitismo precisamos resgatar a produção de autores como Nirmala Erevelles, pesquisadora e teórica feminista conhecida por suas contribuições significativas para a compreensão da interseccionalidade, especialmente no contexto das questões de deficiência e do capacitismo. Suas obras oferecem uma análise crítica das interseções de opressões que afetam as pessoas com deficiência, destacando como o capacitismo está intrinsecamente ligado a outras formas de opressão, como o racismo e o sexismo. Compreendemos suas contribuições a partir de determinadas perspectivas literárias, apresentadas a seguir:

1. "Disability and Difference in Global Contexts: Enabling a Transformative Body Politic" (2011, coeditado com Rosemarie Garland-Thomson): Livro em que aborda as questões de deficiência em um contexto global e interseccional. Explora como as experiências de pessoas com deficiência são moldadas por fatores culturais, políticos e econômicos e como a opressão de gênero, raça e classe se intersecta com a opressão baseada na deficiência.
2. "Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability" (2006): Nesta obra oferece uma perspectiva interseccional sobre a experiência de viver com uma deficiência, enfatizando como as identidades queer e de gênero se cruzam com a deficiência. Ela analisa como as normas culturais em torno do corpo e da capacidade influenciam a marginalização e a discriminação de pessoas com deficiência.
3. "The University as a Disability Metaphor: Disability Studies and the Politics of Education" (2017): artigo em que critica a forma como as instituições acadêmicas frequentemente reproduzem estruturas de



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

opressão e normatividade, excluindo as pessoas com deficiência e perpetuando o capacitismo. Ela destaca a importância de uma perspectiva interseccional na análise das questões de acessibilidade e inclusão na educação.

Suas contribuições são valiosas para o estudo da interseccionalidade, pois ela destaca como as identidades e experiências das pessoas são moldadas por múltiplas intersecções de opressões e discriminações. Suas obras ajudam a compreender a complexidade das experiências das pessoas com deficiência, bem como as lutas por justiça social e igualdade para todas as identidades marginalizadas. Sua abordagem interseccional é crucial para enfrentar o capacitismo e promover uma análise mais abrangente e inclusiva das questões relacionadas à deficiência.

Eli Clare é escritor e ativista queer e com deficiência que aborda as interseções de identidades e as experiências de pessoas com deficiência em seu trabalho. Suas obras exploram de maneira profunda as interseções de opressões relacionadas a raça, gênero, sexualidade e deficiência. Suas contribuições são fundamentais para a compreensão da interseccionalidade sob a perspectiva de pessoas que vivenciam múltiplas identidades marginalizadas. Suas contribuições são:

1. "Exile and Pride: Disability, Queerness, and Liberation" (1999): Neste livro, Clare aborda a interseccionalidade da deficiência e da identidade queer. Explora como essas identidades se cruzam e se informam mutuamente, bem como as formas como os sistemas de opressão se manifestam em sua vida diária.

2. "Brilliant Imperfection: Grappling with Cure" (2017): Clare critica nesta obra o paradigma da "cura" da deficiência e destaca a importância de valorizar e celebrar a diversidade de corpos e mentes. Analisa como a ideia de cura pode ser opressiva para as pessoas com deficiência e



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

oferece uma perspectiva interseccional sobre a busca pela aceitação e autodeterminação.

3. "Stolen Bodies, Reclaimed Bodies: Disability and Queerness" (2019): Ensaio onde Clare aborda as experiências de pessoas com deficiência queer, destacando como essas identidades podem ser marginalizadas e invisibilizadas em diferentes contextos sociais. É quando explora as interseções de deficiência e queeridade e como essas experiências podem ser aliadas na luta por justiça social.

4. "The Marrow's Telling: Words in Motion" (2017): Livro de poesia em que oferece uma perspectiva única sobre a experiência de viver como uma pessoa queer e com deficiência. Suas poesias exploram as complexidades e interseções de identidades, revelando as lutas e a resistência em meio às opressões vividas.

Eli Clare oferece uma abordagem interseccionalmente informada sobre questões de deficiência, gênero, sexualidade e outras formas de marginalização. Sua escrita poderosa e reflexiva permite ao leitor compreender melhor as interseções de opressões e as lutas por justiça social enfrentadas por pessoas com identidades diversas e marginalizadas. Suas contribuições ampliam o diálogo sobre interseccionalidade na literatura, ativismo e estudos acadêmicos.

Lívia Motta é uma pesquisadora e professora brasileira conhecida por suas contribuições no campo dos estudos de deficiência e capacitismo decolonial. Suas obras abordam criticamente a opressão e a discriminação enfrentadas pelas pessoas com deficiência, especialmente no contexto latino-americano, e propõem uma perspectiva descolonial para entender o capacitismo. A seguir suas contribuições relevantes para a compreensão de sua perspectiva teórica:



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

1. "Capacitismo e descolonialidade: diálogos possíveis" (2016, coeditado com Vera Lucia Felicetti da Silva): reuniram contribuições de vários pesquisadores para explorar a intersecção entre o capacitismo e a perspectiva descolonial. A obra busca entender como o capacitismo, como forma de opressão, se entrelaça com as estruturas de poder colonial e como descolonizar a questão da deficiência pode ajudar a combater a discriminação e a marginalização.

2. "Racismo, capacitismo e descolonialidade: o lugar da deficiência nas relações coloniais" (2019): artigo em que explora as interseções entre o racismo e o capacitismo, abordando como essas formas de opressão se manifestam e se reforçam mutuamente no contexto latino-americano. Destaca a necessidade de uma perspectiva descolonial para entender a deficiência e como isso pode abrir caminho para a inclusão e a justiça social.

3. "Capacitismo, perspectiva decolonial e feminismo negro" (2020): Neste artigo, analisa o capacitismo em relação ao feminismo negro e como a perspectiva decolonial pode ajudar a entender as complexas interseções de opressões que as mulheres negras com deficiência enfrentam. Ela ressalta a importância de incluir essas vozes marginalizadas no diálogo feminista e na luta por igualdade e justiça.

Lívia Motta contribui no sentido de que se possa compreender o capacitismo no sentido de trazer à tona as interseções entre a opressão das pessoas com deficiência e outras formas de marginalização. Suas abordagens decoloniais oferecem novas perspectivas para entender a deficiência dentro do contexto latino-americano e destacam a importância de uma análise interseccional para combater o capacitismo e promover uma sociedade mais inclusiva e justa para todas as identidades marginalizadas.





## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Susan Wendell foi uma filósofa e feminista canadense conhecida por suas contribuições para os estudos de deficiência e por abordar questões relacionadas à opressão das pessoas com deficiência. Suas obras oferecem uma perspectiva crítica sobre o capacitismo e suas interseções com outras formas de opressão, incluindo questões de gênero, raça e classe. Suas contribuições:

1. "The Rejected Body: Feminist Philosophical Reflections on Disability" (1996): Neste livro, apresenta uma análise filosófica e feminista sobre o corpo rejeitado e estigmatizado das pessoas com deficiência. Destaca como o corpo da pessoa com deficiência é frequentemente considerado como "outro", não-normativo e marginalizado dentro da sociedade. Wendell critica a ideia de que a deficiência é uma "falha" ou uma "anomalia" e argumenta que a opressão das pessoas com deficiência é enraizada em construções sociais e culturais.
2. "Unseen Diversity: A Study of Societal Responses to Blindness" (1989): Neste trabalho, Wendell analisa as representações culturais e as percepções sociais da cegueira. Ela explora como a deficiência visual é compreendida e tratada na sociedade, e como a percepção das pessoas com deficiência visual pode ser afetada pelas atitudes capacitistas e pelos estereótipos.
3. "Toward a Feminist Theory of Disability" (1997): Neste ensaio, Wendell propõe uma teoria feminista da deficiência, buscando integrar as preocupações feministas com a análise da opressão das pessoas com deficiência. Ela argumenta que as teorias feministas devem levar em conta a interseção entre gênero e deficiência e considerar as experiências complexas das mulheres com deficiência.
4. "The Social Construction of Disability" (1996): Capítulo de um livro, em que a autora explora a construção social da deficiência e como ela é



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

moldada por fatores culturais e estruturais. Ela critica a visão da deficiência como uma condição individual e argumenta que a deficiência é uma questão social que requer uma análise crítica das normas e expectativas sociais.

As contribuições de Susan Wendell para a compreensão do capacitismo e interseccionalidade são valiosas, pois ela oferece insights filosóficos e feministas sobre a opressão das pessoas com deficiência e a importância de considerar as interseções entre identidades marginalizadas. Suas obras desafiam as noções normativas de corpo e capacidade e promovem uma perspectiva crítica sobre as construções sociais e culturais em torno da deficiência. A abordagem desta pensadora destaca a necessidade de uma análise interseccional que considere as complexas interconexões de opressões que afetam as pessoas com deficiência em diferentes contextos sociais e culturais.

Rosemarie Garland-Thomson é uma renomada pesquisadora e teórica feminista conhecida por suas extensas contribuições para os estudos de deficiência, especialmente no campo da teoria cultural e estudos de gênero. Suas obras oferecem uma análise crítica sobre o capacitismo e como as representações culturais e sociais das pessoas com deficiência impactam suas vidas e identidades. Algumas de suas principais contribuições, são:

1. "Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature" (1997): Neste livro, Garland-Thomson investiga as representações culturais da deficiência na literatura, arte e mídia americana. Examina como a deficiência é retratada e como essas representações moldam as percepções e atitudes em relação às pessoas com deficiência. Destaca como o capacitismo permeia essas representações e influencia a forma como a sociedade percebe e trata as pessoas com deficiência.



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

2. "Staring: How We Look" (2009): Neste trabalho, a autora explora o conceito de "olhar" e a importância do olhar como uma prática cultural e social. Analisa como as pessoas com deficiência são frequentemente alvo de olhares e como essas práticas de olhar estão relacionadas ao capacitismo e ao estigma.

3. "Integrating Disability, Transforming Feminist Theory" (2001): Artigo onde discute a importância de integrar a análise da deficiência nos estudos feministas. Seu argumento vem no sentido de que as questões de deficiência são essenciais para uma teoria feminista mais abrangente e inclusiva. A autora destaca como as feministas podem considerar as complexas interseções de opressões que afetam as mulheres com deficiência e como a deficiência pode ser um ponto de partida para repensar conceitos de corpo, identidade e diferença.

4. "Misfits: A Feminist Materialist Disability Concept" (2011): Neste ensaio, apresenta o conceito de "misfits" (desajustados) como uma abordagem para entender a deficiência dentro de uma perspectiva feminista materialista. Argumenta que a deficiência é uma forma de desajuste em relação às normas corporais e sociais estabelecidas e que a análise de misfits pode ajudar a desafiar o capacitismo e o estigma.

Rosemarie Garland-Thomson ressalta que para a compreensão do capacitismo são cruciais para a análise crítica das representações culturais e sociais das pessoas com deficiência. Suas obras oferecem uma perspectiva feminista e interseccional sobre a deficiência e destacam a importância de considerar as interconexões de opressões que afetam as pessoas com deficiência. Tem sido uma voz importante na luta por uma sociedade mais inclusiva e justa para todas as identidades marginalizadas.

O capacitismo é um fenômeno interconectado ao colonialismo, a qual reefece-se a discriminação de pessoas com deficiência, desempenhando um



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

papel crucial na sociedade. A pessoas com deficiência no mundo moderno é, portanto, um ser “inferiorizado”, por não ter seu corpo e comportamento como “perfeito” diante aos olhares discriminativos. Assim como, as demais “minorias”, são populações que não se sentem pertencendo a nenhum nicho, não por existirem representações, mas por não se sentirem representados por outras pessoas do meio.

O sentido da discriminação contra pessoas com deficiência, o corpo (in)capazes, a crítica marxista da pessoa com deficiência, enquanto “estrutura” de opressão marcada pelo imperativo do dispositivo da “capacidade corporal compulsória”. Naturalizando e hierarquizando que é normal, saudável, belo, produtivo, útil, independente e capaz. Interligando o capacitismo como “normatividade corporal e comportamental baseado na premissa de uma funcionalidade total do indivíduo” (Mello, 2016).

Fazendo um apanhado histórico sobre pessoas com deficiência no século XIX, onde começaram os primeiros estudos científicos com essa população, no qual os governos deram uma atenção maior nesta época, ou seja, foi um divisor de água para inclusão social. Em meados do século XX, com a ligação com o estado de bem-estar e a cidadania, direcionando a globalização de medidas preventivas e inclusivas para implementações de leis com pessoas com deficiência. A educação, centros de trabalhos, fundações e associações com familiares e PCD. Notoriamente, através desse olhar de atenção, foi incluindo essas pessoas na sociedade e no âmbito acadêmico dando direito a todos igualmente.

O anticapacitismo, antirracismo, são duas lutas incansáveis que têm seus papéis ativos contra o colonialismo. Porém no Brasil, segundo Silveira (2022), nós brasileiros vivemos de costas para o continente, venerando a Europa, os Estados Unidos e depreciando nossos vizinhos. No período da colonização portuguesa, antes do Brasil se tornar dependente de seu próprio território, foram



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

obrigados a servir a esses países que tinham o domínio da territorialidade brasileira.

A pós-colonização do Brasil, e a libertação dos escravos em 1888, pela princesa Isabel, foram se formando movimentos ao redor das metrópoles das grandes capitais do país, fazendo com que as populações se direcionassem para lugares subalternos. Nisso, foram sendo criadas favelas, periferias, comunidades entre outros nomes, as quais chamavam lar. Foi uma época considerada um marco para as populações pretas/negras, a partir da sua libertação, tendo liberdade para seguir suas vidas, porém, não foi o que ocorreu.

Após a libertação, as pessoas que foram escravos, não tinham como se manter para sobreviver, já que foram por muito tempo mantidos em escravidão servindo a seus patrões. A consequência foi que voltaram a servir seus ex-donos em troca de comida; e, com isso, o sistema colonial foi se mantendo cada dia mais forte. Como não existiam leis que amparassem essas populações, a discriminação, o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa, tornaram-se muito presentes. Resultou em perseguição e morte.

A decolonialidade vem para debater o pensamento colonial que é fortemente presente na modernidade, fazendo com que pessoas acreditem que o racismo, o capacitismo tenham acabado. Não podemos deixar de mencionar o ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro, que foi e ainda é um dos grandes fomentadores de discriminação contra mulheres, preto/pardos, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência e povos originários. Através do autoritarismo verbalizou seu ódio contra essas populações, e criou um exército que se intitula bolsonarista, reproduzindo em ações o discurso propalado por esse ex-presidente.

A sociedade é uma sociedade de classes, no sentido de contribuir uma totalidade em que os indivíduos são incluídos por seu pertencimento de classe, e deles se espera que os integrantes, desempenhem a função atribuída à sua



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

classe no e pelo “sistema social” como um todo, Bauman (2004). Formando-se uma subclasse, em que a população não se vê pertencendo a qualquer classe social, expondo-se vulneravelmente com os nichos sociais, indo contra até mesmo de movimentos que são segregados, por não concordar com falas e gestos, que são colocados.

A contemporaneidade vem para abarcar a modernidade, onde podemos dizer que o avanço da modernidade e o colonialismo segue presente junto com vários fatores sociais e a modernidade só foi possível graças à colonização. Como diz o ditado popular: toda ação tem sua reação. Reações que geram sofrimentos, adoecimentos e morte.

### **Fenomenologia contemporânea**

A perspectiva fenomenológica busca olhar para o ser humano como totalidade, levando em conta os seguintes aspectos: subjetivação, angústia, singularidade, existência, essência. Concomitante, reflete a percepção diante dos enfrentamentos que são expostos pela sociedade. Estes pressupostos são trazidos pelo método fenomenológico aprofundado por Edmund Husserl em seus estudos, àquela época inquieto sobre a relação homem e mundo em que os estudos eram voltados empiricamente para uma ciência biológica, no qual o homem tornava-se afastado de si mesmo, de seu lugar no mundo e vivia somente a partir do biologicismo. Um dos seus discípulos, o filósofo Martin Heidegger, existencialista, compreende que somos ser-no-mundo, mundo esse em que estamos lançados, sem a mínima ideia do que poderá nos ocorrer no próximo segundo. Além disso, o existir é caracterizado por essas facticidades e os olhares de julgamento da sociedade.

Segundo Husserl, a fenomenologia não é definida apenas como um método, mas como uma atitude e reflexão que intenciona o ato de revelar o significado e os sentidos dos objetos. Portanto, o desvelamento dos sentidos e



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

significados ocorrem por meio de uma descrição fenomenológica que sucede o movimento intencional da consciência, este movimento rejeita uma postura introspectiva e adota a atitude intersubjetiva (Oliveira & Borba, 2019).

O cotidiano é pleno em vivências. Vivências atravessadas por facticidades que, maioria das vezes, não sabemos como lidar e são constituídas por dor, sofrimento e angústia. É a experiência vivida, ou seja, o mundo-vivido compreendido por Husserl (2015).

O método fenomenológico tem sua virada de chave a partir de Martin Heidegger. De acordo com este autor, aquilo que não é mostrado é porque precisa ser iluminado fenomenologicamente e para isso, a interpretação é importante. A vista disso, a intervenção hermenêutica, que é a considerada virada de chave, é a sustentação dessa interpretação, onde possibilita voltar às mesmas coisas. (Szymanski; Szymanski & Fachim, 2019).

Alguns constructos heideggerianos devem ser contemplados por este estudo neste momento. Iniciamos com ser-no-mundo, a perspectiva do filósofo para o ser humano e sua humanidade, lançados à vida desde o nascimento, sem ter a noção do que virá em seguida em seu cotidiano. Entretanto, ser-no-mundo, de acordo com Castro (2009; 2017; 2021; 2023) não é estar tenuamente ligado ao mundo, mas estar inserido no mundo, de tal forma que, este pressuposto significa que estamos no mundo visando-o a partir de nossas vivências, nossas experiências diárias, perspectivas e possibilidades.

Heidegger (2013) afirma que ser-no-mundo é ser-com-o-outro, ou seja, nosso cotidiano é relacional. Estamos sempre estabelecendo configurações relacionais que nos atravessam e nos possibilitam ser quem somos, ser quem nos tornamos (Castro, 2023). É na vivência com o outro que experiencio o cuidado que, pode ser vivido de modo autêntico ou inautêntico. No primeiro, o meu cuidar é no sentido de antepor-se ao outro, ou seja, não tomo decisões e faço escolhas pelo outro, procuro caminhar junto a essa pessoa no sentido de



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

que se compreenda com potencial e possibilidade, sendo devir, poder-ser; o segundo aspecto, a inautenticidade, é o oposto do anterior, quando há um salto sobre o outro, configurado em super proteção, convivência, permissividade, autoritarismo que resulta em fragilidade e vulnerabilidade emocionais.

Aspecto presente na teoria heideggeriana é considerar a necessária reflexão sobre a historicidade do humano. O que isso significa? Que as pessoas, cada um de nós, ser-no-mundo, somos atravessados por postulações oriundas de nossos nichos social, cultural e histórico. O ser humano não pode ser refletido sem levarmos em conta esses importantes aspectos. Somos ser-no-mundo-com-o-outro socioculturais e históricos.

Castro (2021;2023) postula a partir do que nomina *Clínica dos Três Olhares* que a partir da imersão do ser humano em suas configurações relacionais, deve-se considerar: a) *O olhar sobre mim*: perspectiva de compreender minha trajetória de vida, meus desafios, minhas dificuldades, meu tornar-me quem me tornei, lançando uma visada para além da facticidade, da dor e do sofrimento em mim causados por minhas relações. É um voltar-se a mim mesmo sem justificativas, é a experiência da autenticidade; b) *O olhar sobre o outro*: nos arvoramos de juízes e emitimos juízos de valor sobre os que caminham conosco, adentramos pelo aspecto inautenticidade em relação àquele que nos acompanha cotidianamente, provocando com isso, o afastamento, o sofrimento e a dor no outro; c) *O olhar sobre o olhar do outro*: a perspectiva sobre mim mesmo é diretamente proporcional à forma como passo a atribuir sentido ao que talvez o outro esteja pressupondo de mim, ou seja, meu cia a dia é totalmente voltado a tornar o outro a referência a ser satisfeita. Afinal, o outro 'talvez deseje tal agir de minha parte', e a vida passa a ser em função do que eu acredito que o outro quer, em detrimento a mim mesmo.

Maurice Merleau-Ponty, filósofo francês redimensionou o pensamento fenomenológico, nos traz como centro de sua teoria o corpo. Para este autor, a





**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

percepção, a sensação, diante de situações que ocorrem no cotidiano, precisam ser pensadas a partir do corpo. É o corpo que sente, o corpo que percebe. E a vivência das situações em que estamos cotidianamente mergulhados nomina corporeidade.

Na experiência vivida, a possibilidade de redimensionarmos nosso olhar até então lançado sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre o mundo, e nesse movimento, atribuímos novos sentidos, constructo denominado escapo. Contudo, a vivência de novos sentidos é experienciada na relação com o outro, na articulação invisível da experiência que, para começar, torna a experiência possível, onde como nos diz Castro (2023), o envolvimento dos outros em nós e de nós neles, a intersubjetividade.

### **Resultados e Discussões**

Observa-se que o conceito interseccionalidade tem sido debatido pela teoria feminista, surgiu com os anseios em relação a inserção dos grupos que são invisibilizados e despercebidos. Crenshaw (1989, 1991, 1995, 2011) idealizadora inicial dos discursos acerca da interseccionalidade que a designam como o processo de construção de identidade de forma coletiva diante de uma comunidade visando ainda o distanciamento dos sistemas de subordinação. O humano pertencente a 'nichos diferentes' seja raça, gênero, questões físicas, não pode ser refletido em condição de subalternidade ou algo nesse contexto. Castro (2023) intenciona que o olhar sobre o outro tem designado dor e sofrimento e, maioria das vezes, lança essa pessoa em verdadeiros turbilhões emocionais, culminando em processos de ensimesmamento, insegurança e vulnerabilidade existencial.

Segundo Collins, (2015) a prática da interseccionalidade forjou um meio analítico para entender a dinamicidade das identidades e o aparecimento dela



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

no campo acadêmico viabilizou a sua compreensão enquanto novas concepções e óticas. Em sua 'matriz de dominação' procura compreender as complexas relações de poder que afetam de modo imensurável mulheres negras. E nesse ínterim, discute as interseções entre raça, gênero, classe e outros sistemas, destacando como a combinação desses fatores afeta o indivíduo e o coletivo.

Para discutirmos essa dinamicidade de identidades reúnem-se alguns filósofos e autores que clarificam esse conceito. Os filósofos Merleau-Ponty e Sartre perceberam que a voz feminina só seria ouvida se a sua subjetividade fosse suspendida. Para Simone Beauvoir (1949/1970b), em sua obra chamada "O Segundo Sexo" a mulher é descrita diante de engendramentos sociais e históricos, a frente disso, elucidamos que a feminilidade também participa de um jugo opressor masculino (Bueno & Anjos, 2021). Além da população feminina, existem outras classes minoritárias como a população trans que têm sido colocados à margem devido ao constante preconceito e discriminação oriundos do outro. Os desdobramentos acerca do conceito de gênero, têm sido, recorrentemente, não compreendidos por uma parcela da população mundial que, diversas vezes tem provocado na comunidade LGBTQIAPN+, a experiência da menos valia.

Heidegger (2013) ao propor que somos ser-com-o-outro nos lança no que chama de mundo humano, ou seja, o mundo das relações, onde nossas configurações relacionais são o móvel que nos impulsionam à compreensão de nosso próprio caminhar. Contudo, existem situações em que o encontro com o outro o lança inevitavelmente no sofrimento de ser quem é, de ser como é. O ser-deficiente é considerado como aquém de todos os demais e, com isso, constata-se que os olhares que petrificam esse público afundam cada vez mais a sua modalidade existencial, o seu existir. Audre Lorde nos possibilita maior compreensão quando aborda a interseccionalidade ao explorar questões de raça, gênero, classe, sexualidade e identidade cultural em sua obra magna *Sister*



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

*Outsider* (1984), corroborado pelo pensamento de Bell Hooks (1981, 1984) acerca dos mesmos aspectos.

Glória Anzaldúa (1987) contribui para a interseccionalidade ao abordar constructo como raça, gênero, sexualidade e cultura, cunhando o termo 'mestiza' ao descrever a complexidade do hibridismo identitário resultado da mistura cultural. Compreende-se, a partir de seu legado, as interseções de opressões que moldam as experiências das mulheres latinas e de outras minorias. E quanto ao capacitismo presente na vida de pessoas com deficiência?

Há muitas justificativas obsoletas quanto à deficiência. Conforme Ivanovich e Gesser (2020), o fracasso moral, a condenação e o infortúnio são aspectos que caracterizam as supostas explicações sobre a condição física de uma pessoa. Nirmala Erivelles (2017, 2011, 2006) aborda as questões relacionadas às deficiências tomando como parâmetros os contextos global e interseccional ao explorar como a vivência de pessoas com deficiência sofrem um processo de moldagem a partir de fatores culturais, políticos e econômicos e, nesse contexto, mostra como os mais variados tipos de opressão (raça, gênero e classe social) estão interseccionados com a opressão baseada na deficiência. Pensamento também presente na contribuição teórica de autores como Eli Clare (1999, 2017, 2017a, 2019); a brasileira Livia Motta (2016, 2019, 2020); Susan Wendell (1989, 1996, 1996<sup>a</sup>, 1997) e Rosemarie Garland-Thomson (1997, 2001, 2009, 2011)

Um corpo que demonstra excelente vigor físico, corpulência robusta e boa estatura, é considerado uma estrutura forte que suporta a luta. Entretanto, qualquer um que não se iguala a este padrão pode ser segregado da sociedade. É a cultura pelo corpo perfeito, a busca infreme por manter-se jovial. O olhar sobre mim se torna distorcido a ponto de não 'me aprovar' como sou e enveredar por um caminho de infreme busca pela perfeição, o que Castro (2023) discute no terceiro olhar, o olhar que lanço sobre o olhar do outro.



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

As guerras têm sido celeiro de formação de pessoas com deficiência. Com este cenário de conflagração em que muitos cidadãos ficaram debilitados, surgiu o processo de reabilitação e, junto com este, apareceu um discurso integracionista. Esse enunciado revelou uma problemática, pois expressava que o indivíduo deveria se adaptar a sociedade e não o contrário, exercendo assim uma prática integrativa e não inclusiva. Dessa forma, identificamos como a prática do capacitismo está sendo representada e experienciada na sociedade contemporânea com seus elementos que dilapidam esse outro de ser como é, quem é e, acima de tudo, impedem-no de se compreender como pessoa para além de padrões exigentes, inconsequentes, que excluem e não permitem ou possibilitem que a pessoa com deficiência consiga se perceber, como diz Heidegger (2013), compreenda-se como um ser-possível.

A desvalorização das pessoas deficientes é viabilizada por meio das concepções de que esse quadro deve ser revertido, curado ou então descartado do grupo social. De acordo com Fiona Campbell (2008, *apud* Ivanovich; Gesser, 2020, p.2), persiste um fenômeno denominado como corponormatividade compulsória que sustenta o padrão relatado por Marchesan e Carpenedo (2021), em consequência disso notamos que há uma dificuldade em aceitar uma existência “periférica”.

O corpo próprio, a corporeidade vivenciada, não são aceitos pelas pessoas que estão a seu redor, em virtude de ser alguém com deficiência. É um corpo vivo, um corpo que sente, percebe, experiencia o mundo vivido a seu modo e merece redimensionar o olhar sobre si mesmo para além da perspectiva capacitista ainda tão presente nos dias atuais.

### **Considerações Finais**

O artigo buscou pensar de forma racional, os atravessamentos que foram acometidos por essas populações que carregam sofrimentos, passado de modo



**UFAM**

## **REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

intergeracional em decorrência a vários fatores presentes em seu cotidiano. A interseccionalidade foi teoricamente elaborada por uma ativista norte-americana, preocupada com situações recorrentes de racismo, desigualdade social, feminicídio e pessoas LGBTQIANP+. Sua perspectiva no que tange à busca de direitos, demonstrando a forma como as mulheres são tratadas e marginalizadas por serem mulheres, apesar de ser um fato ainda muito presentes na atualidade, na era da modernidade e pós-modernidade como é chamada por alguns pesquisadores, propiciou grande desenvolvimento na perspectiva acerca dessas discussões.

As falas que são mencionadas nesta obra por autores que buscavam uma amplitude na sociedade com populações vulneráveis, mostram o quanto é difícil permanecer vivos com tanto sofrimento, mortes e descaso. Suas literaturas tornaram-se um pedido de socorro para com esses grupos sociais, desprovidos de sua própria identidade, de sua individualidade .

A interseccionalidade nos convida a considerar as múltiplas formas de opressão que uma pessoa pode enfrentar, reconhecendo que as identidades não podem ser separadas ou acompanhadas individualmente. Esse modo de abordagem nos leva a entender como a intersecção de raça, gênero, classe, sexualidade e outras dimensões da identidade moldam as experiências individuais e coletivas.

O capacitismo decolonial, por sua vez, traz à tona uma reflexão sobre as opressões sistêmicas sofridas por pessoas com deficiência, desafiando os discursos hegemônicos que rotulam e marginalizam esses indivíduos. Essa abordagem busca desconstruir as narrativas dominantes que diminuem a autonomia e a agência das pessoas com deficiência, afirmando a importância de uma perspectiva decolonial que valorize suas experiências e conhecimentos.

Por fim, a fenomenologia existencial oferece uma abordagem filosófica que explora a experiência humana em sua totalidade, englobando as dimensões



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

física, emocional, social e espiritual. Nos convida a refletir sobre o significado da existência e a importância das experiências individuais e subjetivas na construção do sentido da vida. Ao adotar a perspectiva fenomenológica, somos desafiados a olhar além das estruturas opressivas e dar voz às experiências singulares de cada indivíduo.

Em suma, a interseccionalidade, o capacitismo decolonial e a fenomenologia existencial nos oferecem visões críticas e transformadoras da sociedade e da condição humana. Ao abraçar essas perspectivas, podemos trabalhar em direção a uma sociedade mais justa, inclusiva e compassiva, que valorize a diferença e respeite a diversidade das experiências humanas.

### Referências

Baumann, Z. (2004). *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços afetivos*. Zahar Editora

Bueno, W. C. & Anjos, J. C. (2021) Da interseccionalidade à encruzilhada: operações epistêmicas de mulheres negras nas universidades brasileiras. *Rev. Civitas* 21(3); 359-369, set-dez.

Carastáthis, A. (2016) *Intersectionality - Origins, Contestations, Horizons*. Nebraska: University of Nebraska Press.

Crenshaw, Kimberlé W. (1989), "Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". *University of Chicago Legal Forum*, pp. 139-167

\_\_\_\_\_. (2021). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *Droit et société*, 108, 465-487. <https://doi.org/10.3917/drs1.108.0465>



**UFAM**  
**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

\_\_\_\_\_ (1991) Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review* Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299

\_\_\_\_\_ (1995) *Critical Race Theory: The Key Writings that Formed the Movement* - reimp. - The New York Press.

Collins, P. H. (1990), "Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento". Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013. [Em inglês, *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova York/Londres, Routledge, 1990.]

Dussel, E. (1995), *The Invention of the Americas*. Nova Iorque: Continuum.

Dussel, E. (2011) *Filosofia da libertação. Crítica à ideologia da exclusão*. Paulus.

Etmanski, Al (2022) *The power of disability: 10 lessons for surviving, thriving, and changing the world*. Berret-Koehler Publishers.

Faustino, D. (2015) *Por que Fanon? Por que agora? Fanon e os fanonismos no Brasil*. 261 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos.

Ivanovich, A. C. F. & Gesser, M. (2020) Deficiência e capacitismo: correção dos corpos e produção de sujeitos (a) políticos. *Quaderns de Psicologia*, v. 22, No. 3, e1618.

Marchesan, A. & Carpenedo, R. F. (2021) Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. *Revista Trama*, v. 17, n. 40, p. 45-55.

Mello, A. G. de. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & saúde coletiva*, 21(10), 3265–3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>

Mignolo, W. (2011) *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Duke UP.



## REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Oliveira, T. C. A. & Borba, J. M. P. (2019), Contribuições da fenomenologia husserliana para a psicologia clínica. *Rev. Nufen: Phenom. interd*, 11(3), 154-169, set - dez.

Pereira, B. C. J. (2021), Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. *Rev. Civitas* 21(3); 445-454, set-dez.

Silveira, R. (2022). Frantz Fanon e a descolonização. *Afro-Ásia*, 352–390.

Silveira, C.; Luppi, C.G. & Carneiro Junior, N. (2008), Aspectos éticos nas pesquisas e na produção de conhecimentos junto a grupos em situação de vulnerabilidade social. In: Guerriero ICZ, Schmidt MLS, Zicker F, organizadores. *Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde* Aderaldo & Rothschild; p. 158-166.

Souza, N. S. (1983), *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* Graal.

Quijano, A. (2005), Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (comp.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. CLACSO,.

Szymanski, L.; Szymanski, H. & Fachim, F. L. (2019), Interpretação como desocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. *Pro-posições*, v.30, e20180014.

Solomon, Andrew (2013). *Longe da árvore*. Trad. Pedro Maia Soares - Cia das Letras.

**Recebido: 20.06.2023**

**Aceito: 28.07.2023**

**Publicado: 07.08.2023**

### **Autores**

#### **Ewerton Helder Bentes de Castro**

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico - Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga





**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

Acadêmica de Psicologia Fenomenológico - Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM)  
E-mail: [ewertonhelder@gmail.com](mailto:ewertonhelder@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

### **Janderson Costa Meira**

Especialista em Docência do Ensino Superior - Anhanguera - São Paulo. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP - Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico - Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico - Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: [jandersonmeiraa@gmail.com](mailto:jandersonmeiraa@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

### **Fernanda Manuela Pereira Amaral**

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretora de Eventos da Liga Acadêmica Multiprofissional de Reabilitação Neurofuncional-LIGANEURO (FEFF/UFAM). E-mail: [fernandamaral1100@gmail.com](mailto:fernandamaral1100@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1032-0820>